

# 3 PORANDUBAS

"Do tupi, porã'duba; pergunta, notícia, informação, relação" (Aurélio)

Órgão a serviço da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — N.º 3 — Junho, 1977

## DOCUMENTO



### Apresentando

Dentro da topografia da Universidade, sinuosa e sujeita a múltiplas transformações, podem-se perceber pontos culminantes, confluência de muitos rregatos e quedas d'água.

Neste primeiro semestre de 1977, um acontecimento que certamente serviu de ponto de referência e estuária de uma série de preocupações e trabalhos, foi o SIMPÓSIO SOBRE A CULTURA DO POVO. Promoveram-no o Instituto de Estudos Especiais (IEE) e o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC), num trabalho calado e persistente.

Este número de "PORANDUBAS" pretende ser um documento que reúne resenhas críticas do Simpósio, segundo especialistas de várias áreas, numa preocupação exclusivamente interdisciplinar.

A REDAÇÃO

### Limites e Possibilidades do Simpósio

Dadas as finalidades dos organizadores (IEE-PUC e CEDEC) o Simpósio foi bastante fecundo. Como as conclusões gerais sairão proximamente em livro, no qual se poderá formar uma idéia mais completa de tudo o que ali se realizou, indicar-se-ão aqui apenas alguns limites e possibilidades que caracterizaram o Encontro.

1. Um retrospecto dos limites deve recuperar desde logo os antecedentes do Simpósio: objetivos, metodologia, equipe debatedora e participantes.

a) Os objetivos eram amplos e não foram precisados, o que gerou incompreensões. Pretendia-se situar o tema em termos abrangentes (condições estruturais e conjunturais do país) e mais específicos (referência à cidade de São Paulo), o que se traduziu em disparidades nos textos de base, pois alguns se restringiram a São Paulo e outros extrapolaram até mesmo as dimensões históricas nacionais. O Plenário ajudou a ampliar essa defasagem.

b) Desejava-se uma complementariedade interdisciplinar nas análises, obtida pela composição diversificada dos debatedores e convidados, e pela leitura prévia de todos os textos pelos especialistas. A elaboração e entrega tardia dos textos de base impossibilitou o intercâmbio previsto e os comentaristas, por desconhecê-los, não puderam se concentrar no tópico escolhido, tendo que avançar por vias mais vastas. Esse fato, se enriqueceu o quadro geral tornou imprecisas certas discussões.

c) Os especialistas foram escolhidos entre professores de três Universidades (PUCSP, USP e UNICAMP) e determinados profissionais, por estarem de alguma forma ligados ao tema e por terem facilidade de comunicação com os organizadores, supondo-se que isso iria agilizar a preparação. Como é óbvio, eles não representavam todas as tendências possíveis e, com raras exceções, nem se vinculavam à experiência e/ou instituições diretamente interessadas com a prática nos meios populares. Dessa composição da equipe debatedora advieram problemas esperados: as abordagens careceram da análise de campos de conhecimento não representados; surgiram dificuldades, incorreções e deslizes na busca da correspondência das proposições teóricas com a realidade concreta; a não explicitação de orientações político-ideológicas estigmatizou equívocos teóricos e práticos, etc.

d) Pretendia-se um total de 40 participantes, no sen-

tido de se obter maior participação e aprofundamento. Com a grata repercussão que o Encontro adquiriu, resolveu-se alterar o número sem grande controle, alcançando um total de 230 inscritos. Como consequência previsível, os participantes mostraram uma heterogeneidade de níveis e de experiências, cujos universos, discursos e práticas, aliados a um denso temário e complicações originadas pelo tipo de reunião, conduziram a mudanças no sentido e trouxeram insatisfações na condução dos trabalhos.

2. Conhecidos estes limites, as expectativas estavam balizadas. Um balanceamento que não os leve em consideração, que se restrinja a um texto ou outro, a afirmação nos debates, ou a certas dinâmicas das assembleias e dos grupos, induz a erros na avaliação do conjunto. Com apelo nas falhas e omissões percebidas, entre outras, apontam-se agora as possibilidades abertas.

2.1. Iniciou-se um "mapeamento" ainda incompleto das atividades e das inquietações de certos grupos e setores, que permitiu o seu primeiro dimensionamento.

2.2. Provou-se o quanto é rico o contato de professores e alunos com artistas, com animadores da pastoral popular da Igreja, e com os graduados que hoje trabalham em múltiplos campos profissionais. Apontaram-se as chances de atuação conjunta que podem ser viabilizadas no presente e no futuro, entre eles, em que pese a constatação das distâncias existentes entre a vida desses setores e a reflexão e a pesquisa praticadas em nossas Universidades.

2.3. Sobre o tema propriamente dito, ainda que se registrasse o muito que se teorizou e se escreveu sobre a cultura do povo, salientaram-se inúmeras ambiguidades em torno do mesmo. As observações feitas variaram entre dois extremos: o dos que supervalorizaram o povo — com seus saberes, códigos, representações, atitudes, comportamentos — até os que pretenderam, a partir da ciência já firmada, minimizá-la como protagonista histórico, superado que estaria pela realidade das classes sociais, com a expansão do capitalismo no mundo e no país. Contudo, a maioria se situou no meio, enfatizando uma gama de colocações sempre positivas para com o povo, as quais se centraram basicamente nas defesas

(continua na página 5)



## A Linguagem na Cultura do Povo

Enquanto o intelectual luta com as palavras para explicar de forma precisa a simplicidade da cultura do povo, este sem nenhuma preocupação explícita de ordem filosófica, sociológica, antropológica, econômica ou política, apenas vai dizendo o seu mundo.

Definir povo e cultura, buscar a etimologia de povo e popular, pre-clarificar as diferenças de significado entre educação popularizada, educação populista e educação popular parecem ser algumas das muitas preocupações do intelectual ao estudar a cultura do povo.

### EXPRESSIVIDADE E FADIGA

Mas se a análise acadêmica exige ajustes semânticos, o cotidiano das "classes pobres" exige apenas subsistência. E então a linguagem que expressaria este cotidiano deveria consequentemente, ser pobre e carente como o homem. No entanto, ela nos surpreende, na medida em que descobrimos a pobreza da língua em contínuo contraste com a riqueza da expressão.

Vista sob o ângulo da pobreza, a sintaxe fragmentada e indefinida provavelmente decorrentes da privação cultural, da vida cheia de incertezas e fadigas.

Vista sob o ângulo da riqueza encontramos o código verbal rearticulado com a complementação de outros códigos. Aquilo que era manifestação da pobreza da língua se reorganiza através de vocalizações típicas, gestos, olhares, vestuários e outros objetos, para manifestar um conjunto de valores peculiares.

Admitimos esta ambiguidade porque entendemos que a linguagem do povo, comparada a das classes cultas não é inferior nem decadente; é tão boa quanto aquela, na medida em que é fiel na expressão da realidade do grupo que a utiliza.

E aqui surge um novo problema: se o comportamento do povo reflete o sistema vigente, como no âmbito da linguagem seriam os seus ecos?

Talvez a ambiguidade da linguagem pudesse se explicar pela relação da expressão linguística com o sistema: enquanto pobreza, seria a expressão das dificuldades da "classe pobre" para enfrentar o dia-a-dia; enquanto riqueza, refletiria a capacidade do homem de defender-se na luta diária, aproveitando-se de fissuras naturais do sistema e da sua capacidade também natural de criação, de extravazamento.

Uma primeira observação revela, sem dúvida, uma vasta área a espera de estudos. Aqueles, como nós, que acreditam no papel da "educação" têm de estar preocupados com o conhecimento da linguagem do povo, para que o processo educacional não se desvincule da realidade, tornando-se apenas um projeto de papel. É preciso que ele tenha objetivos concretizáveis, capazes de proporcionar a promoção do homem. E para ter objetivos concretizáveis, faz-se mister conhecer, pesquisar esta faceta da cultura do povo.

Profa. Ana Ma. Marques Cintra  
Diretora do Centro de Ciências Humanas

## A História dos Dominados

O Simpósio sobre "A Cultura do Povo" revelou-se extremamente oportuno tanto pela escolha do tema, como pela metodologia que, ao privilegiar a interdisciplinaridade propiciou a abordagem da problemática através de suas múltiplas facetas. Por outro lado, o enfoque teórico ficou enriquecido mediante o depoimento de pessoas, cuja atividade prática está ligada a organizações e manifestações da cultura popular.

### RESISTÊNCIA OU MASSIFICAÇÃO?

Para nós, do Departamento de História, o Simpósio estimulou a reflexão de como a História poderia contribuir para o estudo da "cultura do povo". De todas as colocações e depoimentos do Simpósio, pareceu-nos importante a constatação, pelo menos implícita, da existência de certa perplexidade no tratamento do tema, fruto, talvez, da própria ambiguidade da "cultura do povo"; perplexidade ao nível do conceito (povo, classes populares, cultura popular, etc.), ao nível da postura científica ("comunidade de destino", educação popular, etc.), especialmente, ao nível da análise — alguns enfatizando os aspectos de resistência e libertários da "cultura do povo" e outros acentuando seu caráter massificatório e alienante.

Parece-nos que a História poderia contribuir decisivamente "desabrindo" o conteúdo histórico das manifestações populares. Na realidade, o caráter da "cultura do povo" não se define de maneira plena ao nível da consciência na prática social concreta; não só na prática "cotidiana" mas na prática de longa duração, ou seja, na História. As contradições e ambiguidades da "cultura do povo" amadurecem e se tornam mais transparentes no processo concreto da História — lento, denso e penoso.

Por outro lado, a "cultura do povo" não pode ser vista desligada da totalidade da qual faz parte: a história dos dominados implica na história dos dominantes e vice-versa.

É a perspectiva histórica que permite situar a "cultura do Povo" e suas manifestações numa totalidade estrutural; sem esta perspectiva podemos incorrer no risco de um empirismo grosseiro, que talvez levasse a conclusões apressadas e distorcidas.

Em síntese, defendemos a idéia de que o caráter da "cultura do povo" e seu papel como agente transformador só pode ser compreendido através do processo histórico de formação das classes populares, visto como parte de uma totalidade.

Gostaríamos também de salientar que o Simpósio trouxe novas problematizações, enriquecendo assim o trabalho que o Departamento de História já vem desenvolvendo através da disciplina Pesquisa Histórica; trata-se de uma pesquisa feita pelos alunos, sob orientação de alguns professores a respeito dos movimentos operários na Primeira República, ao término da pesquisa, todo material catalogado pelos alunos comporá um acervo do Departamento de História que servirá para futuras pesquisas dos especialistas interessados. Este pode ser um modesto início daquilo que nós historiadores tanto desejamos: um Centro de Documentação para a PUC.

Contribuição conjunta do  
Departamento de História



### Educação

As discussões entre especialistas das mais variadas áreas das ciências humanas e entre profissionais de outros setores e por outro lado as reflexões a que levaram todos os participantes, inseriram-se integralmente no universo filosófico e ideológico de problemática educacional. Situaram-se, portanto, no mais profundo centro de interesse daqueles que, nesta Universidade, sem nenhuma exclusividade mas com alguma especificidade de esforço e de orientação, se preocupam diretamente com as tentativas de compreensão e delimitação do fenômeno, da praxis e do projeto educacional como um todo, no contexto da realidade brasileira.

### EDUCAÇÃO E POLÍTICA

Esta pertinência educacional da temática do simpósio patenteou-se de maneira natural. E nem poderia ser de outro modo.

### Povo

Quer se fale do povo ou da elite, da religiosidade ou do poder, da cultura ou da educação popular, da cultura das massas ou da cultura das elites, quaisquer que sejam os critérios sob os quais estas dimensões de nossa realidade podem ser analisadas — e o foram durante o Simpósio — voltamos necessariamente à condição integradora da tarefa educacional no trato da realidade existencial humana.

De um lado, fenomenicamente a educação precisa desdobrar-se, para fundar-se cientificamente e para garantir sua funcionalidade técnica, a partir das pesquisas, das experiências e das conclusões das ciências humanas, dado o caráter históri-

### Cultura

co-social do homem enquanto educando. De outro lado, não se pode perder de vista que toda e qualquer tentativa de doação de significado, de transformação de uma realidade, de atuação de uma praxis político-social transformam-se necessariamente numa praxis eminentemente pedagógica. De tal modo que se todo projeto pedagógico pressupõe um projeto político é mais verdade ainda que todo projeto político pressupõe um projeto educacional.

Reencontraram-se, pois, neste fecundo debate, os enfoques complementares das ciências, da filosofia, da teologia e da educação. E, no meu entender, este auspicioso reencontro da própria razão de ser da nossa Universidade, na sua concreticidade cotidiana, propondo-se, contudo, e apesar de tudo, a assumir o seu destino que é também, e inegavelmente, educacional.

Prof. Dr. Antonio Joaquim Severino  
Diretor Geral do Centro de Educação



# Psicologia Social e Cultura do Povo

Hoje já não se pode considerar a Psicologia Social como ciência isolada. Ela se interpreta profundamente com as outras ciências sociais. A Psicologia Social é o estudo específico do homem a um determinado nível da realidade. Por isso mesmo propõe-se a uma crítica com relação à sua origem no seio da sociedade capitalista de onde surgiu com a finalidade de manipulação ideológica, já que tal sociedade não pretende a mudança efetiva da realidade. Assim, as variáveis históricas, políticas econômicas, sociológicas e antropológicas devem ser consideradas pela moderna Psicologia Social como variáveis interdependentes do comportamento social do indivíduo.

## QUEM ENTENDE DE POVO?

As Ciências Sociais, durante o Simpósio, deixaram a atitude ingênua que se pauta pela análise isolada. A participação do sociólogo, psicólogo, filósofo, economista, antropólogo, aconteceu naturalmente sendo raras as atitudes fechadas de cada especialidade.

Sendo limitada a apresentação de pesquisas concretas e investigações mais sistemáticas sobre a cultura do povo em suas manifestações sociais, chegou-se contudo a levantar hipóteses explicativas para o tema. Entretanto, foi constante a pergunta sobre o que é cultura popular ou cultura do povo. Todos concordaram que o conceito "popular" envolve alto teor de indefinição, a qual foi questionada do ponto de vista histórico e mesmo de definição de classes sociais. O tema suscitou três grandes linhas de suposição:

— os processos de interação entre uma "cultura dominante" com uma "cultura do povo" estariam adquirindo novas características, já que o desenvolvimento de novas formas de produção fez perder a nitidez entre grupos dominantes e subalternos.

— dentro do processo urbano-industrial, sendo eixo central a cidade de São Paulo, a falta de uma hegemonia econômica, política e cultural de uma burguesia nacional e a incapacidade da grande cidade de absorver grandes contingentes migratórios, (sobretudo nordestinos), poderia fazer com que estes se tornassem o modelo de uma cultura nacional popular.

— a proposição de uma cultura popular pela classe dominante, como manifestações culturais nacionais, considerando "cultura popular" como um todo homogêneo, permitiria que a sociedade de classes seja encarada como multiplicidade empírica de experiências unificáveis e homogêneas, como multiplicidade destinada à "integração nacional". Surge então a pergunta acerca de que pontos o povo (operariado, camponeses, assalariados de serviços e pequena burguesia) se identifica em suas manifestações culturais com os dominantes e em que pontos essa contradição não pode ser ocultada.

Evidente que algumas manifestações culturais (religião, arte) foram discutidas mas as suposições referidas aci-

ma surgiram como hipótese a serem investigada sem estudos posteriores.

## PISTAS PARA INVENÇÃO

O Simpósio foi rico no levantamento de hipóteses para pesquisas concretas. Nesse sentido a Psicologia Social poderá estudar sobre vários níveis de comportamento social:

— De que forma se desenvolve, no nível individual, a interação entre a "cultura dominante" e a "cultura do povo", considerando-se as transformações que o indivíduo sofre no processo de inserção do sistema produtivo. Que significado atual tem a manutenção de costumes, músicas e danças de uma outra região, no processo de sobrevivência na grande cidade.

Os estudos de identidade social poderiam esclarecer como se dá tal inserção e verificar como a religião, danças servem como referência para a identificação do indivíduo com sua origem e seu grupo. (Por exemplo, os grupos de nordestinos, quando em contato com outros grupos impõem suas formas de manifestações culturais?)

— Quanto às contradições apresentadas entre a cultura popular influenciada e produzida pelos meios de comunicação de massa (manipulados por interesses das classes dominantes); como estas contradições se apresentam nas manifestações individuais, sob forma de resistência ou de "pseudo-ajustamentos" mediante a adoção de valores da classe dominante? (Por exemplo, como os diferentes grupos de trabalhadores assimilam as propagandas sobre "integração nacional"?)

De uma forma geral, o Simpósio sobre Cultura do Povo veio de encontro com as preocupações dos psicólogos sociais da PUC, que após um trabalho crítico sistemático de seus conceitos e métodos vêm desenvolvendo estudos acerca do comportamento social vinculado à ideologia e, portanto, à sociedade nas suas formas de produção, dentro de uma perspectiva histórica. Assim, se o homem reproduz as formas vigentes, ele também as transforma.

Profa. Irene S. de Villavicencio  
Profa. Silvia Lane

Pós-Graduação de Psicologia Social.





# A Sociologia em Questão

A sociologia é o mais fascinante objeto sociológico que se pode imaginar. Quando se assiste a um congresso de sociólogos, pensa-se muito no porquê a sociologia não se volta para si mesma para refletir, por pouco que seja, sobre o seu próprio produto. A sociologia como ciência está morrendo e no momento presente só há uma maneira de fazer com que ela reviva para uma existência renovada: deve voltar-se para sua própria história, uma vez que aquilo que os sociólogos julgam ser em seus problemas atuais são questões que há muito mais de um século a teoria social, mesmo no seu período de gestação já havia deixado de lado. Debateb-se, sem nem mesmo equacioná-las, questões que adquirem a dimensão de problemas. Recorde-se, no entanto, o que já disse o velho conselheiro Acácio: "os falsos problemas são os de mais difícil solução".

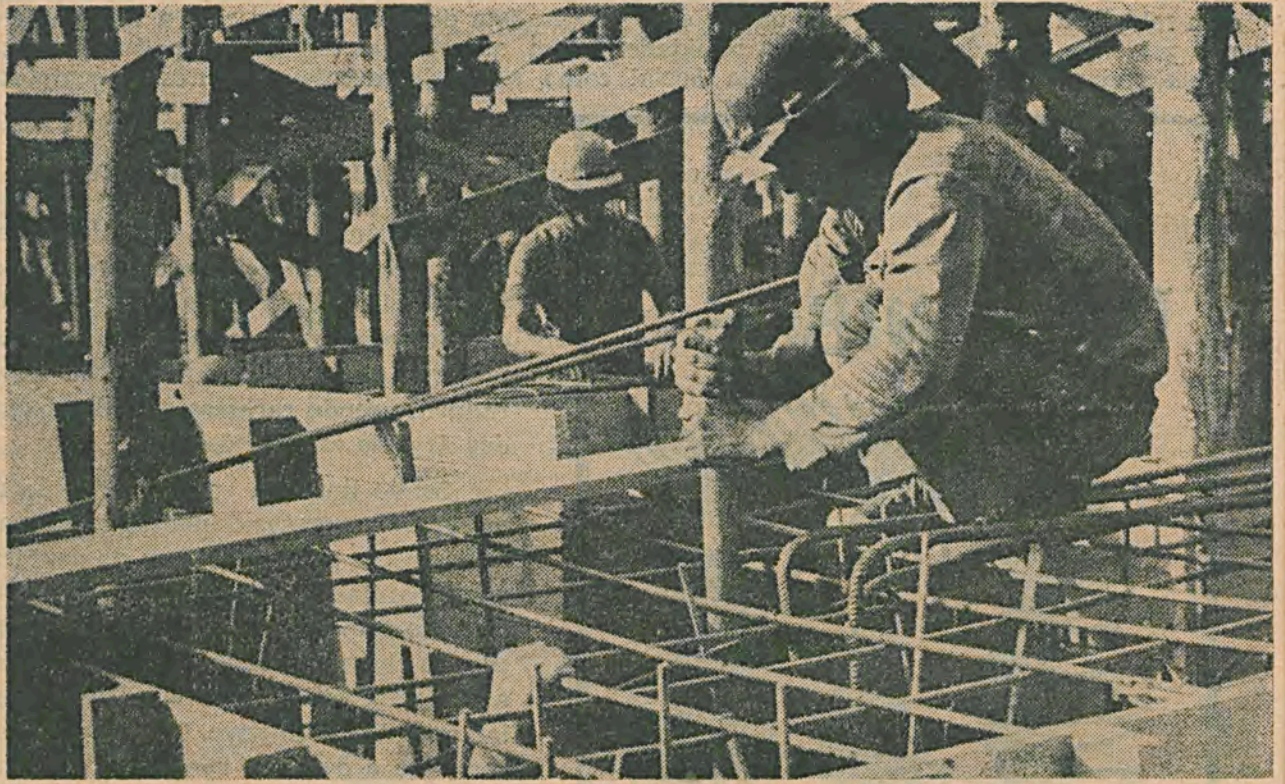
O Simpósio sobre Cultura do Povo, se tomado como objeto de análise da atual sociologia, foi extraordinariamente rico. Afirmou-se, por exemplo, que a história é coisa que nunca houve. Se a todos os estudantes se ensina que houve uma revolução no Brasil em 1930, é puro engano. Para deixar mais clara a idéia acrescentou-se também que não houve o 1789 e tampouco o 1917. Isso foi dito na PUC de São Paulo, na manhã de 25 de maio, publicamente, num auditório lotado com mais de duzentas pessoas. Expliquemos um pouco mais; tudo isso não é história porque até hoje o que houve foi apenas a história dos opressores. Mas a História, a verdadeira história, será a dos oprimidos — e esta até agora nem começou. O passado é o passado dos opressores, é a pré-história da idade milenarista, que será inaugurada no momento em que a idéia da "transcendência da soberania coletiva" se fizer prática, não sob a forma de Estado e sim de uma "vida política coletiva".

A história das idéias tem uma quantidade enorme de receitas para a felicidade. A idéia socialista cumpriu uma longa e maravilhosa jornada, na grande aventura do espírito humano. Desde que as classes sociais passaram a ser o elemento determinante da estrutura social, os homens sonharam com a sociedade sem classes. No entanto, houve um momento em que a inteligência humana já estava suficientemente amadurecida para poder pensar a história como objeto de uma ciência própria. E a partir de meados do século XIX, com o materialismo histórico, todas as formas de utopismo se tornaram anacrônicas. As idéias utópicas, se foram revolucionárias para a sua época, tornaram-se reacionárias no momento em que Marx descobriu que, se um dia a humanidade poderia desfrutar de uma vida social em que não haveria mais antagonismos de classe, isso somente poderia acontecer como um processo histórico-necessário, determinado objetivamente, e não pelo subjetivismo voluntarista do desejo humano para a realização da razão moral ou do princípio de justiça. A liberdade é a necessidade consciente. Que se cumpra a história, pois como resultado necessário dessa mesma história ter-se-á a liberdade.

A partir de então, o socialismo passou a ser ciência e como tal foi tratado por algum tempo. O socialismo não podia ser visto como uma simples aspiração humanitária de justiça e de igualdade, mas era algo que estava inteiramente enraizado na história — na história como um dado objetivo, e não como uma narração subjetiva-ideológica dos fatos, seja do ponto de vista dos opressores, seja do ponto de vista dos oprimidos. A postura do materialismo em face do socialismo nunca foi a de lamentação do povo sofrido. Tratava-se, isso sim, de compreender, pela utilização do método científico, o processo de desenvolvimento do capitalismo, para demonstrar que as suas contradições internas somente poderiam ser resolvidas pela eliminação da irracionalidade do mercado e pela sua substituição por uma economia planejada e racionalizada. A missão histórica atribuída ao proletariado era a de, pela revolução política, criar as condições jurídico-institucionais para permitir que a sociedade industrial viesse a ser organizada de modo planejado e não de modo capitalista-mercantil. O que está presente em Marx é precisamente a idéia de que o mundo atingiria o estágio de uma organização racional da produção social como resultado do desenvolvimento das contradições econômicas internas ao capitalismo.

No entanto, agora, passado mais de um século da publicação de *O Capital*, a razão e a ciência nos são apresentadas como ideologias opressoras. O infantilismo socialista quebrava máquinas e dizia: "Du passé faisons table rase". A sociologia que está sendo cultivada entre nós val muito mais longe e quer fazer tábula rasa de todo o desenvolvimento histórico, da ciência e da racionalidade. Se o socialismo científico foi o primado da razão, agora está sendo jogado no lixo da anti-história, da anti-ciência, e o irracionalismo domina o pensamento social.

Por muitos motivos, o socialismo científico foi um marco na história do pensamento humano. Entre eles está a aspiração de fazer do proletariado o herdeiro da universalidade da cultura, da ciência, da tecnologia, da razão — o herdeiro do espírito teórico. A classe operária não bastava ter a consciência de que era explorada e oprimida. Isso, por ins-



tinto, todos os malditos da terra sabem, sempre souberam e sempre sabem. O socialismo científico partia da idéia de que o povo oprimido tem uma consciência elementar da opressão de que é vítima, sem necessidade da ciência e da teoria social. O proletariado, como herdeiro do espírito teórico alemão, deveria, isso sim, compreender a razão histórico-material da sua exploração e de sua libertação, pela ciência, pela razão — e não pelo instinto social. Eis a base cultural sobre a qual se pensava que se ergueria a consciência de classe. No entanto o socialismo, perplexo diante de sua própria história e experiência, perdeu a fé na ciência e na razão. O socialismo não é mais encarado como o resultado do climax do desenvolvimento cultural e econômico. Diante dos caminhos que trilhou a industrialização e dos resultados do próprio socialismo prático, reage-se decretando a falência da história, da razão, da ciência. Aqueles que deveriam ser os portadores da grande cultura, da cultura universal, da cultura "tout court", passaram a ser os defensores da "cultura do povo".

A sabedoria já não se encontra na ciência e na economia política. Pretende-se que o chão cultural sobre o qual se erguerá a "consciência de classe", não seja mais a ciência, e sim a cultura do povo. A despeito de todo o esforço do socialismo científico para mostrar que a consciência do proletariado teria na economia política as suas raízes, o anti-economismo gramsciano, que esteve representado no Simpósio, parece agora estar fazendo tábula rasa do espírito teórico setentrional e vendo as coisas como se tudo fosse uma questão meridional, camponesa, rústica inculta. Marx falava da barbárie da vida camponesa, na "idiotia do camponês". Apesar disso, é claro que o camponês teve um papel histórico a desempenhar. Os gramscianos afirmam que, quando o camponês ocupou o espaço político, tivemos a formação da vontade e da cultura "nacional-popular". O que é isso senão o jacobinismo? Não obstante a opinião de alguns, todo mundo sabe o que significaram para a história os acontecimentos que se seguiram a 1793. O jacobinismo foi progressista no contexto da revolução de 1789, levando-a até o seu limite. Mas o jacobinismo não é idêntico a si mesmo. No momento da ascensão da burguesia, ele foi uma força decisiva para impulsionar a história. No entanto, na época do grande capital e de sua crise, no momento em que o Estado passa a regular cada vez mais a produção social, o espírito jacobinista e a própria idéia de uma vontade e de uma cultura "nacional-popular" — o plebeísmo — foi o que alimentou as ideologias fascistas e todo o irracionalismo do período de decadência do capitalismo. É notório o quanto o pensamento de Gramsci foi constituído sob o impacto da derrota do socialismo da II e da III Internacionais e da vitória do fascismo, e aquele contexto político deixou marcas indelévels nos seus conceitos. No entanto, os seus

discipulos não conseguem vê-lo criticamente. O resultado é que nessa altura da vida vemos ressuscitada a idéia de "nacional-popular"; e a maneira como se encara a possibilidade de sua realização é a substituição do camponês pelos nordestinos de São Paulo ainda portadores da cultura do povo, aqueles que ainda não se deixaram educar pela fábrica, não se urbanizaram e nem se apropriaram inteiramente da cultura racional e seclerizada da vida urbana. É quando essa camada da população, que está no meio do caminho entre o proletariado e o lumpemproletariado, vier a ocupar o espaço político, que se realizará, segundo eles, o "nacional-popular".

Alguém que visse as coisas atuais sob uma ótica de 1933 diria que isso é simplesmente fascismo. No entanto, nesse quase meio século transcorrido, as coisas mudaram muito no campo das idéias políticas. O que era direita, fascismo ou nacional socialismo, se transmutou em componentes do que aparece hoje como esquerda, socialismo, e agora também como a vontade e a cultura "nacional-popular". O complexo de idéias que vem a constituir as ideologias fascistas e socialistas tem limites muito tênues separando-as, tão tênues que o socialismo está incorporando uma série de fatores ideológicos fascistas sem nem mesmo se aperceber do fato: o irracionalismo, a mistificação pela pequena burguesia da idéia do povo, a idéia de que, na sua ingenuidade e rusticidade, o povo é o portador da grande sabedoria e dos ideais nacionais, de que a "cultura do povo" é a base cultural da consciência nacional, a confusão entre a consciência de classe e a consciência nacional, a primazia do nacionalismo sobre o internacionalismo. O socialismo, que já não consegue se ver como história, parece estar se transformando no seu contrário.

Depois de 1917, e sob a influência do Komintern, pouco a pouco o marxismo foi sendo inteiramente distorcido. Lentamente, a sua preocupação pela ciência foi se transformando num ideologismo destituído de qualquer base científica. Hoje, a história dá um susto nos socialistas. Se o materialismo se voltasse para si mesmo e se visse como história, não seria o espírito científico que estaria na berlinda, mas precisamente o ideologismo predominante. Ele poderia se recuperar como ciência da sociedade e preparar-se para não se deixar cair novamente nas arapucas armadas em cada esquina do desenvolvimento da vida humana. Atônitos diante da história cujo sentido não conseguem mais apreender os sociólogos querem jogar tudo que tão duramente foi adquirido e pensava-se que fosse uma conquista perene do espírito humano. Desde muito tempo já estamos na hora da crítica. A sociologia, contudo, é incapaz de exercer uma atividade crítica sobre si mesma.

PRO. LUÍS ALFREDO GALVÃO  
Depto. de Política



# O Especialista do Povo e o Povo

## POVO, ESSE DESCONHECIDO

— Encontro de valia que não precisa ser exaustivamente demonstrada foi aquele promovido na Universidade Católica de São Paulo. Na ocasião, intelectuais, professores, pesquisadores, artistas e povo confrontaram idéias, experiências, aspirações, propostas; expuseram teorias, formulações hipotéticas. Enfim a cultura do povo revelou-se como a entende o especialista. E, já na mesma oportunidade, o povo presente expressou também sua visão de mundo.

Relatar substantivamente o conteúdo daquela reunião, fa-lo-á melhor a publicação do registro processado.

De seus participantes é urgente a reflexão e a busca de significado estratégico de sua obra, face a questões cruciais que o especialista põe para si quando tem como referência a cultura do povo: como se define? Cultura do povo ou cultura popular? Que é povo? Que recursos teóricos, metodológicos, técnicos, instrumentais são adequados? Que elementos da cultura do povo são significativos? Há de admitir-se nexos orgânicos entre povo e intelectual? Que possibilidade há de existir uma comunidade de destinos entre intelectuais e povo? A ciência dispõe de contribuições positivas ou negativas para a composição orgânica de intelectuais e povo? Como localizar as brechas para a liberação de uma cultura que conta com dispositivos de resistência, de oposição à uniformidade, à violência? Que pensa, que faz, que quer o povo?

E esta reflexão é urgente porque o intelectual ainda exprime ambiguidade evidente na definição de sua obra, transfere esta ambiguidade para as instituições onde realiza sua obra e, chega, às vezes, a frustrar expectativas daqueles que dela esperam uma proposta.

### "SUJEM AS UNHAS"

— Co-participando da avaliação da obra do intelectual, anexando experiências pessoais, recompondo suas experiências conhecidas e relatadas, esboça-se a preocupação angustiante: até que ponto, a cultura do povo — suas possibilidades, sua significação, a viabilidade da comunicação, do intercâmbio, da organicidade — colocava-se, objetivamente, como interesse? Até que ponto não era o próprio destino do intelectual — sua significação, sua cultura, suas possibilidades, sua viabilidade de composição orgânica — o tema? E, até que ponto, não se procedia a uma inversão racional estratégica: buscar no povo a resposta, sob forma de solução, a um problema que o intelectual não está podendo, ou teme, resolver: a brecha para sua liberação?

Com esta referência torna-se compreensível o conteúdo substantivo das atividades do intelectual, atividades, estas que alongam-se na análise, na formulação teórica, no persistente exame crítico de seu trabalho. São, sem dúvida, estes atos, ações vitais para a ciência, mas que, se não conectadas com a operacionalização de seu produto, agregarão a ela apenas uma condição desconfigurante: esperança futura de atuação e, talvez então, tardia, ou sugestão de que a ciência paira sobre a história e constitui-se seu grande princípio, mas só princípio. (refere-se à ciência da cultura ou do social).

Esta interpretação, de certa forma, encontra apoio (e é também fruto) na própria manifestação daqueles que dispuseram-se a esperar poder obter respostas do intelectual às suas indagações. Na reunião em exame exprimiram-se estas preocupações, especialmente no convite aos intelectuais para que "sujem as unhas".

### COMUNIDADE DE DESTINOS

— A questão que, neste exame crítico, expõe-se a debate poderia ser desenvol-



vida em múltiplas dimensões. Um aspecto relevante, porém, que dela pode ser destacado, diz respeito à Universidade. Por outro lado, torna-se oportuna e atual a reflexão, deste ângulo, quando expõem-se circunstâncias presentes de existência da comunidade universitária, identificadas, pela proposta de destino que lhe é feita, com o destino que atribui-se ao povo.

E, no desenvolvimento da análise, prioritário torna-se o exame do papel pensado e da ação de todos — alunos, professores, pesquisadores, técnicos.

Pensada a Universidade como unidade social complexa, importante é aprender seu universo simbólico específico, bem como o caráter das relações, competitivas e cooperativas, intensas ou não, que estabelece com as demais unidades que compõem a sociedade global. Por outro lado, dependente que é, o caráter dessas relações, das expectativas construídas pelos polos em interação, bem como da capacidade integradora desses polos, do grau de integração da sociedade nacional e da consequente configuração da unidade global, vital é o domínio do conteúdo dessas expectativas.

Consideradas as sociedades particulares, historicamente identificadas como sociedades desenvolvidas, estas relações instauram-se fortalecendo ou dando prioridade à dependência entre ensino ou escola e economia. Nas sociedades consideradas sub-desenvolvidas ou em desenvolvimento, a força dessa relação é almejada, especialmente pelas dimensões controladoras do sistema. Esta aspiração, porém, enfrenta entraves para a sua concretização face a constantes divergências entre os projetos de sociedade e as possibilidades de ação concreta. A divergência, porém, não instaura processo orgânico de transformação

e possibilita a existência de dimensões nitidamente distintas: a esfera dos projetos ou dos ideais e a da realidade, da ação em oposição, co-presentes, conflituosamente, na experiência do agente, sugerindo incapacidade para a mudança ou para a realização de planos.

A Universidade, no Brasil, tudo indica, comporta-se como exemplo de extremação da presença de entraves à concretização de suas expectativas e daquelas construídas pela sociedade nacional a ela referidas. Destas circunstâncias resultam fraca força interativa entre a escola e as demais unidades que compõem a sociedade global.

### ABAIXO A TIMIDEZ

— As circunstâncias históricas do presente não favoreceriam o rompimento deste sistema de resistências?

Pode-se admitir que encontros, como este que é examinado, poderiam cooperar na promoção do desencadeamento de um processo consistente de atuação, desde que a reflexão liberasse de ambiguidades seus agentes e tornasse consciente a existência de um projeto dotado de possibilidades concretas de realização (porque, tudo indica, este projeto, efetivamente, existe, mas temeroso está o crítico quanto ao grau de valia de sua obra e de condições para torná-lo concreto, razão porque, talvez, esconde-se no trabalho teórico de sua elaboração. Por este motivo, torna-se tímido na ação, propiciando perplexidade face a contradição, que põe em destaque, entre a crença de que a reflexão é possível e produtiva na e frente a experiência, e o caráter de seus atos que, parece, suspendeu a ação para pensar).

Prof. Haydée Maria Roveratti  
Coordenação de EPB

## Limites e Possibilidades

(conclusão da 1.a página)

que o próprio povo cria e recria para resistir à opressão e despersonalização impostas pela sociedade industrial e de massas, sob o capitalismo, e em suas atividades concretas e variáveis na longa caminhada por sua libertação.

2.4. Sobre a presença da Universidade e dos intelectuais, tanto na reflexão mais sistemática sobre a cultura do povo, como no compromisso efetivo com ele, indicaram-se sugestivos caminhos. Se a Universidade deve sair dos seus muros para ir ao mundo do trabalho, à pe-

riferia, ela deve reciprocamente abri-los para os operários e trabalhadores, para não se isolar num elitismo destituído de significado. Para isso, devem-se estudar formas criativas de abertura em suas estruturas administrativas, acadêmicas, etc.

2.5. Os pontos sugeridos como mais relevantes serão retomados futuramente em novos seminários e simpósios.

Prof. Luís Eduardo Wanderley — Pós-graduação em Ciências Sociais e História.